

TV+

Mineira de Contagem, Erika Januza abre o jogo sobre a chegada aos 40, as novas personagens no audiovisual, a saída da Viradouro, a estreia no Saia Justa e a arte de não desistir

POR PATRICK SELVATTI

Erika Januza pede desculpas pelo áudio longo, mas está no intervalo das gravações e quer responder a entrevista com calma. Aos 40 anos recém-completados, a atriz vive o que chama de “uma virada” na carreira e na vida pessoal. Está no ar em *Dona Beja*, na HBO Max, como Candinha, personagem que tem a reputação destruída publicamente e encontra no prostíbulo não apenas sobrevivência, mas uma forma de reconstrução.

Grava como Niara, rainha africana do reino fictício de Batanga em *A nobreza do amor*, novela das seis da TV Globo que estreia amanhã, em que dá vida à mãe da protagonista Arika, interpretada por Duda Santos. Também podendo ser vista em *Arcanjo Renegado*, no Globoplay, e no Disney+ com *A magia de Aruna*, Erika ainda assumiu, em 2025, a apresentação do *Saia Justa*, no GNT, e se despediu do posto de rainha de bateria da Unidos do Viradouro após quatro anos de avenida. “Estou vivendo muitas coisas ao mesmo tempo”, começa ela, aos risos, tentando organizar os pensamentos.

Mineira de Contagem, Erika encontrou em *Dona Beja* uma oportunidade rara: poder usar o sotaque sem se preocupar em escondê-lo. “Adoro quando posso deixar minha mineirice solta. Não forcei, mas pude falar como eu falo, que todo mundo fala que meu sotaque ainda é supervivo.” A novela, ambientada no século 19 em Minas Gerais trouxe, também, a chance de revisitar as cidades históricas que tanto ama, como Ouro Preto, Tiradentes e Diamantina, e de se conectar com uma história que, apesar de ambientada no passado, ecoa fortemente no presente.

“Candinha foi injustiçada pelo fato de ser mulher, uma mulher negra e pobre, arrastada em praça pública, sem direito de defesa, sem direito de prosperar e ainda assim lutando para sobreviver, como dá. Depois de tanta violência, um assunto que é de novela de época, mas tão atual. Todo dia, inclusive ontem, anteontem, mais uma notícia de violência contra a mulher e abuso. Minha personagem também foi estuprada ali naquelas condições”, disserta a atriz.

Se em *Dona Beja* a personagem enfrenta o preconceito e a marginalização, em *A nobreza do amor* o caminho é inverso. Niara é uma rainha, e isso, para Erika, carrega um significado profundo. “É um contraponto muito grande com Niara, que é uma rainha, tendo a oportunidade de contar uma África que a gente não tem a chance de ver na televisão. A gente não está contando dilemas de racismo, a gente está contando um dilema de um reino, uma luta pelo poder ali”, celebra.

Sem
perder a
majestade

Felipe Costa/Divulgação